



## Do Comunismo Reinventado ao Capitalismo Tecnocrático – Da Perspetiva Utópica de Slavoj Zizek à Visão Distópica de Byung-Chul Han Sobre a Era Pós-Coronavírus

Filipe Abraão Martins do Couto<sup>[1]</sup>  
[filipeabraao27@hotmail.com](mailto:filipeabraao27@hotmail.com)

**Resumo:** Pretende-se explorar duas propostas filosóficas antagónicas, de natureza utópica e distópica, que floresceram no auge da pandemia do coronavírus: a perspetiva utópica, de Slavoj Zizek, que considera que a pandemia da Covid-19 veio revelar as fragilidades de um sistema neoliberal global que não consegue dar resposta ao tratamento sanitário do coronavírus nem às catástrofes naturais e ecológicas que se anunciam, defendendo, por isso, a necessidade de se reinventar um outro comunismo, mais solidário e fraternal, distinto do comunismo da antiga União Soviética; por outro lado, a posição distópica de Byung-Chul Han é partidária de que o capitalismo terá fortes possibilidades de se manter numa era pós-covid, embora, provavelmente, com outras características e em outros moldes potencialmente perigosos para sistemas políticos democráticos (capitalismo tecnocrático e autoritário).

**Palavras-Chave:** Utopia; Distopia; Comunismo Reinventado; Capitalismo Tecnocrático; Pós-Covid-19.

### From Reinventing Communism to Technocratic Capitalism - From Slavoj Zizek's Utopian Perspective to Byung-Chul Han's Dystopian Vision of the Post-Coronavirus Era

**Abstract:** We intend to explore two antagonistic philosophical proposals, utopian and dystopian in nature, which flourished at the height of the coronavirus pandemic: the utopian perspective, of Slavoj Zizek, who considers that the Covid-19 pandemic revealed the weaknesses of a global neo-liberal system that cannot respond to the health treatment of the coronavirus nor to the natural and ecological catastrophes that are being announced, defending, for this reason, the need to reinvent another communism, more solidarity and fraternity, distinct from the communism of the former Soviet Union; On the other hand, Byung-Chul Han's dystopian position is that capitalism will have strong possibilities of maintaining itself in a post-covid era, although probably with other characteristics and in other molds potentially dangerous for democratic political systems (technocratic and authoritarian capitalism).

**Keywords:** Utopia; Dystopia; Reinvented Communism; Technocratic Capitalism; Post-Covid-19.

[1] Investigador no Instituto de Ciências e Tecnologia de Timor-Leste. Investigador na Universidade do Minho (NETcult).

## Introdução

É importante considerar que, desde a primeira publicação de Giorgio Agamben<sup>[2]</sup> em relação ao coronavírus,

[2] No dia 26 de fevereiro de 2020, Giorgio Agamben publicou um artigo intitulado *A Invenção de Uma Epidemia*, no sítio da sua editora, alegando que as medidas excepcionais levadas a cabo pelo Governo italiano para combater o coronavírus são “frenéticas, irracionais e completamente injustificadas”. Neste artigo, o filósofo italiano considera que prevalece uma tendência do Governo italiano para “usar o Estado de Exceção como um paradigma normal de Governo”, para legitimar a completa restrição de direitos, garantias e liberdades fundamentais dos cidadãos. O artigo de Agamben pode ser consultado através da sua rubrica habitual no sítio na internet *Quodlibet.it*: Giorgio Agamben, “L’invenzione di un’epidemia,” *Quodlibet* (Agamben, 2020, 26 de fevereiro), disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>. Também pode ser consultado através do livro *Sopa de Wuhan*: Giorgio Agamben, “La Invencción de Una Epidemia,” in *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias*, ed. Pablo Amadeo (Agamben, 2020, pp. 17-19). É importante ter em consideração que esta intervenção de Agamben constitui-se como um dos textos mais controversos do debate intelectual em torno da Covid-19 e que suscitou inúmeras reações e críticas diversas um pouco por todo o mundo. O filósofo não abandonou posteriormente a sua posição, mesmo após o impacto inicial do coronavírus nos países europeus, quando milhares de pessoas sucumbiram à doença. Nos textos apresentados num momento posterior, respetivamente *Contágio e Reflexões sobre a Peste*, o filósofo não cedeu à evidência do número de pessoas infetadas com o vírus e que faleceram motivadas pela doença. Consultar: Giorgio Agamben, “Contagio,” in *Sopa de Wuhan*

desenvolveu-se toda uma literatura de análise e de reflexão filosófica em torno da Covid-19 que importa sublinhar como extraordinariamente profícua para um futuro que todos desejam mais radiante. É possível afirmar que existe uma história do pensamento e um debate fecundo em torno da pandemia em questão que, embora aparentemente esteja controlada, ainda não está erradicada. Os temas e problemas levantados por esta pandemia contemplam, por exemplo, o dilema do confinamento, o delírio coletivo, o surgimento de novas classes trabalhadoras, a crise de saúde, o paradigma dos profissionais de saúde, a crise psicológica, a crise económica, as questões ambientais, o estado de emergência e o estado de exceção face aos direitos, liberdades e garantias individuais fundamentais, entre outros de igual relevância.

É possível constatar que alguns destes assuntos referidos ramificaram-se, por um lado, para uma perspetiva mais utópica, sobretudo os argumentos que deferiram um ataque ao atual sistema económico-financeiro mun-

---

– *Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias*, ed. Pablo Amadeo e Giorgio Agamben, “Reflexiones Sobre La Peste,” in *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias*, ed. Pablo Amadeo.



dial, na forma capitalista neoliberal, apelando, através da sua extinção ou reforma global, para a reinvenção de novas formas políticas socialistas, comunistas e comunitaristas e, por outro lado, num enquadramento mais distópico, a consideração de que o capitalismo manter-se-á consistente numa era pós-covid, ainda que com eventuais variações e perigos, pois trata-se de um sistema económico e social que, afinal, se tem ajustado ao prelúdio dos novos tempos e se tem revelado capaz de resistir às violentas tempestades sociais, naturais e ecológicas.

É neste enquadramento que se pretende explorar duas propostas filosóficas antagónicas que floresceram no auge da pandemia do coronavírus: a primeira, de natureza mais utópica de Slavoj Zizek, que considera que a pandemia da Covid-19 veio revelar as fragilidades de um sistema neoliberal global que não consegue dar resposta ao tratamento sanitário do coronavírus nem às catástrofes naturais e ecológicas que se anunciam, defendendo, por isso, a necessidade de se reinventar um comunismo mais solidário e fraterno, distinto do comunismo da antiga União Soviética; por outro lado, estabelece-se a posição distópica de

Byung-Chul Han, partidário de que o capitalismo terá fortes possibilidades de se manter numa era pós-covid, embora, provavelmente, com outras características e em outros moldes potencialmente perigosos para sistemas políticos democráticos.

É precisamente este ponto central que se pretende analisar e refletir criticamente, analisando as diferentes perspetivas filosóficas de Slavoj Zizek e de Byung-Chul Han, procurando, no entanto, desenvolver algumas das intervenções mais pertinentes em torno desta temática de pensadores como Bruno Latour ou Bernard-Henri Lévy.

Para se melhor compreender a posição utópica de Slavoj Zizek, desenvolver-se-á, em primeiro lugar, o argumento do pensador em que o coronavírus representa o fim da ordem mundial contemporânea, ou seja, a despedida da era capitalista neoliberal; de seguida, tentar-se-á analisar a utopia que o filósofo defende quando fala de comunismo “reinventado”; por fim, a crítica do autor ao capitalismo neoliberal e a necessidade de se operar uma revolução filosófica. Quanto a Byung-Chul Han, analisar-se-á, em primeiro lugar, a leitura que faz sobre a superioridade da Ásia em re-

lação ao fracasso da Europa no combate ao coronavírus; nesta sequência, confrontar-se-á o *modus operandi* do tratamento da doença à luz de diferentes pontos de vista. No caso dos países orientais, a ênfase concedida ao controlo e à vigilância digital, que se constitui o mote para o seu posicionamento distópico; em relação aos países ocidentais, a implementação de políticas agressivas de confinamento e o encerramento de fronteiras. Por fim, analisar-se-á o posicionamento crítico do pensador em relação à proposta de Slavoj Zizek.

Se Byung-Chul Han é apologista de que nenhum vírus é capaz de fazer a revolução na vez do ser humano, Slavoj Zizek apregoa a necessidade de uma revolução filosófica que o ser humano terá de levar a cabo para enfrentar não só o coronavírus, mas todas as crises naturais e ecológicas que se avizinham.

## 1. Coronavírus: O Anúncio do Fim da Era Capitalista Neoliberal

Segundo Slavoj Zizek, a doença da Covid-19 gerou um enorme surto

de vírus ideológicos que se encontravam adormecidas nas sociedades atuais, como as *fake news*, “teorias da conspiração”, paranoia generalizada, racismo, entre outros. Mas, refere o pensador, entre estes vírus, malignos para a sociedade, talvez haja um vírus que seja benigno para a sociedade, tratando-se, precisamente, da reflexão urgente em torno das possibilidades alternativas para a sociedade que permitam ultrapassar o tradicional conceito de Estado-nação e de se abraçar novos paradigmas de solidariedade e de cooperação à escala global (Zizek, 2020, p. 39).

O filósofo esloveno refere que o coronavírus continua a demonstrar que não é possível manter as coisas da mesma forma e que é necessária uma mudança radical mundial, uma transformação profunda dos sistemas políticos e económicos atuais. A questão fundamental que o pensador coloca é: “o que está errado no nosso sistema para termos sido apanhados desprevenidos por esta catástrofe, apesar de os cientistas estarem há anos a alertar-nos para a sua possibilidade?” (p. 41).

Slavoj Zizek está convencido de que o argumento, defendido por alguns políticos, (como na altura da adminis-



tração de Donald Trump, por exemplo) de que a vida voltará ao normal após a pandemia atingir o derradeiro pico, é falso. Consiste, na sua opinião, de uma esperança demasiado vaga, pois, mesmo se a pandemia retroceder, o que é o caso, eventualmente, a mesma surgirá com novas formas e com novos perigos para a humanidade. Não se trata só de ameaças virais, segundo Zizek. As condições climáticas, as tempestades violentas e as alterações drásticas no meio ambiente são sinais de que é necessário considerar uma nova etapa política e social que pressuponha uma coordenação global competente e um sentido de cooperação e de solidariedade universais que o capitalismo neoliberal não consente<sup>[3]</sup>(p. 41).

[3] É importante explicar esta posição. O capitalismo neoliberal global não possui, segundo o pensador, um sentido de cooperação e de solidariedade universais porque divide o mundo em duas cúpulas: os que estão dentro e os que estão fora do capitalismo, como refere o próprio: “A globalização capitalista não significa somente abertura e conquista, mas também a existência de uma cúpula autovedada que separa o Dentro do fora. Os dois aspetos são inseparáveis: a dimensão global do capitalismo assenta no facto de este introduzir uma divisão de classes radical à escala do globo, separando os que se encontram sob a proteção da esfera dos que se encontram fora do espaço que a esfera cobre (Zizek, 2017, p.31). Desta forma, prossegue o autor, “os mais recentes ataques terroristas de Paris, bem como o fluxo dos refugiados, são factos que nos lembram por um momento a existência do mundo violento exterior à nossa cúpula – um mundo que, para

Neste sentido, Zizek critica as fragilidades do sistema económico capitalista neoliberal global que não tem conseguido dar resposta ao tratamento sanitário do coronavírus nem às catástrofes naturais e ecológicas que estão a acontecer. Portanto, sublinha-se que a crise global é um fenómeno anterior à eclosão da Covid-19, e que este vírus veio ampliar as principais limitações e debilidades do actual sistema capitalista, sobretudo a partir do momento em que vários governos no mundo estão a nacionalizar empresas consideradas estratégicas para combater o coronavírus (Santos, 2020, 18 de março)<sup>[4]</sup>. A pandemia, é im-

nós, habitantes do interior, surge sobretudo nos noticiários televisivos que nos mostram regiões violentas distantes, não como parte da nossa realidade, como as interferências do exterior. O nosso dever ético-político é não só tomarmos consciência da realidade exterior à nossa cúpula, mas também assumirmos a nossa corresponsabilidade plena pelos horrores que têm lugar fora dela (*Ibidem*, p. 32).

[4] Boaventura de Sousa Santos partilha a mesma perspectiva de Slavoj Zizek, quando defende que já prevalecia uma crise mundial antes da irrupção do coronavírus, que veio agravar mais esta crise. O sociólogo considera que “a pandemia vem apenas agravar uma situação de crise a que a população mundial tem vindo a ser sujeita” (Santos, 2020, 18 de março). Ou seja, o autor considera que, antes da pandemia, já prevalecia uma crise mundial provocada pelo capitalismo exacerbado com fortes repercussões no meio ambiente. A pandemia, por sua vez, veio reforçar esta crise, porque continua a legitimar a concentração da

portante referir, constitui-se como a prova derradeira e infalível de que a ordem mundial contemporânea está decadente, sendo que se torna evidente a necessidade de se criar um novo sistema político-económico de natureza solidária e que vise a cooperação local e global. Este é o primeiro ponto da sua argumentação, que pressupõe uma ligação entre o passado e o presente, posição que é partilhada por alguns pensadores. Bruno Latour, a este propósito, está convencido de que a pandemia revela-nos que a economia se constitui como uma “forma muito estreita e limitada de organizar a vida e de decidir quem é importante e quem não é importante,” e que, por isso, se torna necessário sair do “sistema de produção” para construir uma “política ecológica” (2020, 6 de junho). A crise política, económica e ambiental prevalecia muito antes da irrupção do coronavírus, que a aprofundou dramaticamente e a exponenciou. Por isso mesmo, Zizek refere que “a nossa situação atual é, por isso, profundamente política: enfrentamos

---

riqueza mundial – advindo daqui uma crise financeira, como também a falta de tomada de medidas concretas face aos grandes problemas ecológicos. Assim, atribui-se a causa de todas as crises à situação de excecionalidade pandémica que o mundo atravessa, quando, na realidade, a crise já estava instalada no mundo.

escolhas radicais” (2020, p. 86). Por um lado, a “barbárie”; por outro lado, resta alguma forma de “comunismo reinventado” (p. 64).

O segundo ponto da sua argumentação é desenvolvido a partir dos factos do presente em relação ao futuro: não só o coronavírus veio expor as fragilidades do capitalismo exacerbado numa perspetiva social, económica e ambiental, como é através deste vírus que o ser humano terá de reaprender a viver e a construir um “novo modo de vida” que seja ecologicamente sustentável e não apenas orientado exclusivamente para os processos capitalistas de produção e de consumo (p. 107)<sup>[5]</sup>.

[5] O coronavírus é compreendido por muitos autores e especialistas como uma catástrofe natural que teve como causa o próprio sistema capitalista neoliberal. Para Fareed Zakaria, o coronavírus – e não só esta doença – foi despoletado pelo próprio processo de progresso e de modernização do mundo: “No que toca à pandemia, pode ser encarada como a vingança da natureza. Os moldes em que hoje vivemos constituem quase um convite a que vírus animais infetem humanos. Os centros de controlo e prevenção de doenças estimam que três quartos das novas doenças humanas tenham origem em animais. Foi o caso da sida, do ébola, do SARS, do MERS, da gripe das aves, da gripe suína e, muito provavelmente, do novo coronavírus. Por que razão parece que nas últimas décadas as doenças estão a saltar mais rapidamente de animais para humanos? Porque, em inúmeras regiões do mundo, as pessoas estão a viver mais perto de animais selvagens. Os países em vias de desenvolvimento levam a cabo uma modernização tão veloz, que se encontram a viver inúmeros séculos ao mesmo tempo



Por outras palavras, não é possível viver nos mesmos moldes do mundo anterior à pandemia. Segundo Zizek, a humanidade está perante uma crise tripla: médica, económica e psicológica. O coronavírus alterou radicalmente o paradigma capitalista: as rotinas foram desintegradas e o modo de produção e consumo foi brutalmente suspenso. Desconhecendo-se, atualmente, o rumo da humanidade, Zizek considera que “temos de aprender a pensar fora das coordenadas do mercado bolsista e do lucro e de simplesmente encontrar outra forma de produzir e de alocar os recursos necessários” (2020, p. 86).

De outra forma, o regresso ao sistema capitalista neoliberal será um convite para dar lugar a mais crises naturais e ecológicas com igual ou superior amplitude do coronavírus.

Também para Bruno Latour, o confinamento obrigou-nos a compreender que não nos podemos comportar da mesma forma, uma vez que “que não podemos simplesmente extrair recursos indefinidamente e descartar os nossos resíduos. Na zona crítica, devemos manter o que temos porque é finito, é local, encontra-se em risco

e é objeto de conflito”<sup>[6]</sup> (2020, 6 de junho).

Para estes pensadores, seguir a rota política económica neoliberal é um empreendimento demasiado arriscado que pode encaminhar a humanidade para o precipício. Zizek critica o regresso do “triunfo do animismo capitalista”, pela forma como se tem tratado alguns fenómenos sociais, sobretudo, os que estão ligados aos mercados e às finanças globais. O importante, refere o autor, não são as vítimas afetadas pela pandemia, mas os mercados que estão “nervosos”, ou o facto de o coronavírus estar a originar quedas graves na economia e o crescimento económico ter entrado em declínio fatal. Assim será o futuro do mundo, caso se continue a enveredar por esta lógica instrumentalista e mercantilista. Neste aspeto, a radicalidade de Slavoj Zizek não deixa dúvidas: o coronavírus representa o fim de uma era para a humanidade, o marco trágico do fim do capitalismo neoliberal. Tendo em consideração que depois do coronavírus “não há regresso à normalidade” e que teremos de es-

[6] “What does it mean for politics if we are locked in and not in the infinite cosmology opened by Galileo? It means we cannot just endlessly extract resources and discard our waste. In the critical zone, we must maintain what we have because it is finite, it’s local, it’s at risk and it’s the object of conflict”.

“(Zakaria, 2020, p. 24).



colher um novo modo de vida, Žižek acrescenta que “a verdadeira luta será sobre que forma social vai substituir a Nova Ordem Mundial liberal-capitalista” (p. 113). É neste cenário que o pensador irá operacionalizar a sua conceção utópica.

Neste sentido, o pensador aponta para duas soluções basilares: a primeira consiste na necessidade de se desenvolver uma sociedade cuja organização social e política não dependa tanto da volatilidade dos mercados, que, necessariamente, têm de ser regulados; a segunda solução é um complemento da primeira, em que defende, de forma acérrima, a implementação de um comunismo radicalmente diferente do comunismo soviético, criado a partir das raízes da solidariedade e da cooperação<sup>[7]</sup> (p. 43). Da mesma forma que o desastre de Chernobyl impulsionou o fim do comunismo soviético, Žižek está convencido de que o coronavírus po-

derá estimular a criação de um comunismo radicalmente distinto, que terá como matrizes a ciência, a cooperação e a solidariedade (p. 39).

Não deixa de ser interessante sublinhar que em épocas de crise, várias utopias florescem em todo o seu esplendor, como linhas de horizonte alternativos aos sistemas sociais, políticos e económicos vigentes.

## 2. A Crítica ao Capitalismo e aos Sistemas Autocráticos

Quando afirma que o coronavírus representa o fim do capitalismo neoliberal, Žižek apoia-se não só no coronavírus e nas catástrofes naturais, ecológicas, económicas e sociais que têm acontecido neste século, mas também nas tomadas de decisão protagonizadas por grandes líderes políticos mundiais que, em plena pandemia, decidiram enveredar pela nacionalização de empresas privadas para combater o vírus. Com estas evidências, constata-se que, perante uma crise (sanitária) mundial, não são os “mercados” e as “finanças globais” que comandam os processos, cabendo ao Estado-Nação

---

[7] É importante ter em consideração que este sentido de cooperação e solidariedade não se trata de um aspeto novo na sua obra, sendo possível referi-la como um possível ponto de partida da sua perspetiva filosófica. Na obra “A Europa à Deriva”, por exemplo, o autor considera que é possível “uma coordenação e organização em grande escala” para fazer face aos problemas sociais, económicos e ecológicos mundiais que não é viável no sistema capitalista neoliberal (2016, p. 122).





o total controlo do setor privado<sup>[8]</sup>. A este fenómeno de nacionalizações em massa que tem ocorrido, sobretudo na Europa e nos Estados Unidos da América, Zizek dá o nome de comunismo: “É aqui que entra a minha noção de ‘comunismo’, não como um sonho obscuro, mas simplesmente como um nome para aquilo que já está a acontecer (...), medidas que já estão a ser consideradas e mesmo a ser parcialmente implementadas” (2020, p. 89).

A leitura que o filósofo faz deste fenómeno no ocidente é a de que o sistema político, económico e social contemporâneo, estando à mercê dos

[8] Zizek critica a atitude global do “cada país por si”, especialmente dos Estados Unidos da América, uma vez que o lema “América, primeiro!” terá que ser abandonado para se “salvar através da coordenação e da colaboração globais” (*Ibidem*, p. 62). Refere Zizek o seguinte: “Quando recentemente sugeri que esta crise poderia ser solucionada adotando uma forma de ‘comunismo’, fui amplamente enxovalhado. Mas agora lemos: ‘Trump anuncia proposta para assumir o controlo do setor privado’” (*Ibidem*, p. 80). Zizek considera que estas medidas jamais se concretizariam antes da epidemia e que mais medidas deste tipo serão levadas a cabo para que os serviços essenciais continuem a funcionar: eletricidade, água, alimentação e serviços de saúde. Em Inglaterra, a situação não é diferente no capítulo das nacionalizações estratégicas. O filósofo lembra-nos que “a 24 de março, Boris Johnson anunciou a nacionalização temporária dos caminhos de ferro britânicos” (p. 86). O autor faz referência a mais exemplos deste tipo ao longo desta obra.

mercados e das finanças globais, não tem revelado a capacidade de reação nem de decisão para controlar a crise do coronavírus, da mesma forma que não conseguiu nem consegue acionar os mecanismos indispensáveis para controlar a crise social mundial (a pobreza, a miséria, a fome, o terrorismo e os refugiados em massa) a crise económica (atente-se nas várias crises económicas do século XXI) e, sobretudo, as crises naturais e ecológicas que estão a ocorrer no mundo (2016, p. 122)<sup>[9]</sup>. Tentar erradicar estes problemas criados pelo capitalismo com a lógica capitalista será, seguramente, um erro que a humanidade poderá pagar bem caro num futuro não muito distante. Refere o filósofo que “é evidente que vão irromper novas epidemias, combinadas com outras ameaças ecológicas, desde secas a gafanhotos, pelo que há decisões difíceis que terão de ser tomadas agora” (2020, pp. 88-89).

Da mesma forma, Slavoj Zizek considera que o coronavírus poderá

[9] O autor considera que o capitalismo neoliberal “triufoou em todo o planeta” e que, por isso, se constitui como um dos principais culpados por estes flagelos e crises globais, ameaçando os diferentes modos de vida do mundo. Na obra *A Europa à Deriva – A verdade sobre a Crise dos Refugiados e o Terrorismo*, Zizek aborda a relação do capitalismo com o terrorismo e a crise dos refugiados (2016, p. 23).

levar à queda não só do sistema capitalista global, como do governo comunista Chinês. O autor compara o coronavírus a um ataque “com a técnica dos cinco pontos que explodem o coração”, da cena final do filme *Kill Bill*[10] (pp.40-41), que atingiu violentamente o regime comunista chinês e o sistema capitalista global, embora estes ainda consigam, temporariamente, implementar medidas de contenção da pandemia, através de quarentenas, distanciamento social, máscaras, Estados de Emergência, entre outras, antes do colapso total. O filósofo acredita que tanto o sistema capitalista como o regime comunista Chinês estão a sucumbir lentamente com o golpe sofrido pelo coronavírus<sup>[11]</sup>.

[10] A técnica dos cinco pontos que explodem o coração”, é uma cena final do filme *Kill Bill* – volume dois, em que a protagonista Beatrix (Uma Thurman) derrota Bill (David Carradine) com esta técnica. A técnica é uma combinação de cinco golpes aplicados com as pontas dos dedos em posições diferentes do corpo do adversário. Assim que ele der cinco passos depois do golpe, sucumbirá. Mas, antes de caminhar os cinco passos para a sua morte, Bill fala tranquilamente com Beatrix, pedindo-lhe perdão.

[11] Considerada como a grande cronista da era da emergência climática por Greta Thunberg, Naomi Klein também desenvolve uma crítica ao sistema capitalista e aos sistemas políticos autocráticos, contemplando a ameaça dos sistemas políticos antagónicos para a crise ambiental e a consequente extinção de animais

e plantas e a deterioração da qualidade de vida do ser humano. Como refere Naomi Klein: “Contudo, deitar simplesmente as culpas ao capitalismo não basta. É absolutamente verdade que o objetivo de crescimento económico permanente e de lucros se opõe claramente ao imperativo de uma rápida transição para outras formas de energia que não os combustíveis fósseis. É absolutamente verdade que o desencadeamento global da forma sem restrições de capitalismo conhecida como neoliberalismo nas décadas de 1980 e 1990 foi o fator individual mais importante a contribuir para um desastroso aumento das emissões globais em décadas recentes e o maior obstáculo individual a medidas de controlo do clima com base na ciência desde que os governos do mundo começaram a reunir-se para falar (e falar e falar) sobre a redução das emissões de carbono. E continua a ser o maior obstáculo atualmente, mesmo em países que se autoproclamam líderes do clima. Por outro lado, temos de reconhecer que o socialismo industrial autocrático foi igualmente um desastre para o ambiente, como ficou dramaticamente demonstrado com o facto de as emissões de carbono terem baixado acentuadamente por um breve período quando as economias da ex-União Soviética entraram em colapso no início da década de 1990. E o petropopulismo da Venezuela recorda-nos que não há nada inerentemente verde no socialismo autodefinido. Reconhecemos este facto, ao mesmo tempo que chamamos a atenção para um outro, o de que países com uma tradição socialista forte (como a Dinamarca, a Suécia e o Uruguai) têm algumas das políticas ambientais mais visionárias do mundo. Disto podemos concluir que o socialismo não é necessariamente ecológico, mas que uma nova forma de ecossocialismo democrático, com a humildade para aprender com os ensinamentos de povos indígenas sobre os deveres para com as gerações futuras e a interligação de todas as formas de vida, parece ser a melhor hipótese da humanidade de sobreviver coletivamente” (Klein, 2020, pp.252-253).

O filósofo Bruno Latour, defensor do Princípio Gaia (“princípio em que a vida consegue



Se, por um lado, a abordagem autoritária do Estado Chinês funcionou para travar a epidemia no país, por outro lado, foi possível observar as suas limitações, especialmente quando se generalizou o medo entre os trabalhadores de comunicar os resultados fidedignos aos quadros superiores do regime<sup>[12]</sup> (Zizek, 2020, pp. 60-61). Zizek critica as formas de vigilância e controlo do Estado Chinês, porque receia que “da forma de aplicação dessas medidas não resulte a contenção da epidemia, e que as autoridades manipulem e escondam os dados reais” (p. 69). O medo generalizado e a desconfiança entre a população e os altos funcionários do regime estão a fazer

arquitetar as suas próprias condições de existência”), considera que precisamos “não apenas de alterar o sistema de produção, mas também de sair dele completamente” (2020, 6 de junho). Entrevista disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jun/06/bruno-latour-coronavirus-gaia-hypothesis-climate-crisis>.

[12] Um exemplo “foi o medo de levar más notícias aos governantes (e ao público) que realçassem os resultados reais – foi por esta razão que os primeiros a reportar sobre o novo vírus foram presos, e há relatos de que algo parecido está a ocorrer agora que a epidemia está a abrandar.” Para além desta situação, Zizek também nos alerta para o facto de os governantes chineses pressionarem os trabalhadores para “pôr a china novamente a trabalhar”, e estes, por forma “a enganarem os altos funcionários, terem colocado a maquinaria a funcionar, apesar das instalações continuarem vazias” (pp. 60-61).

com que a máquina autocrática do sistema político chinês esteja profundamente em declínio, senão mesmo na sua fase terminal<sup>[13]</sup>. Neste sentido, a China é a prova irrefutável de que “as medidas exigidas pela epidemia não devem ser automaticamente reduzidas ao habitual paradigma de controlo e vigilância difundido por pensadores como Foucault” (p. 69). Portanto, não é pelo facto de a China ter conseguido controlar melhor a epidemia através da vigilância eletrónica e digital que a mesma irá constituir-se como o paradigma do futuro para as outras nações. À repressão constante do regime chinês para com a população, o medo generalizado e a falta de transparência, junta-se-lhes, à semelhança dos países ocidentais, o problema mundial da crise natural e ecológica, pelo qual também é res-

[13] O filósofo ilustra a sua visão dos regimes autocráticos (sobretudo a China) recorrendo a imagens e figuras populares, como é de seu timbre: “Todos conhecemos a cena clássica dos desenhos animados: o gato aproxima-se de um precipício, mas continua a nadar, ignorando o facto de já ter chão debaixo dos pés; só começa a cair quando olha para baixo e vê o abismo. Quando perde a autoridade, o regime é como um gato por cima do precipício: para cair, só precisa de que o lembrem de olhar para baixo” (pp. 110-111). O pensador considera que regime Chinês, entre outros, sabe que já não tem autoridade para com a população, embora permaneça autoritário.

ponsável, sendo que será muito difícil, senão impossível, providenciar soluções urgentes para estes problemas através da manutenção do atual regime político.

Para Žizek, “o desafio que a Europa enfrenta é o de conseguir provar que o que a China fez pode ser feito de uma forma mais transparente e democrática” (p. 69) e, para tal, sugere que se abraça definitivamente uma mudança de paradigma que, lentamente, na sua opinião, está a ser acolhida por todos, devido à pandemia da Covid-19: um comunismo reinventado.

### 3. O Comunismo Reinventado

É importante compreender, numa primeira instância, o que o pensador pretende dizer com “comunismo reinventado”. Quando o autor fala em comunismo, não se trata de um tópico inovador, porque se constituiu como um tema recorrente no seu pensamento, estatuidando-se quase como que numa imagem de marca do filósofo construída nas suas inúmeras publicações ao longo dos anos.

O comunismo reinventado distancia-se, portanto, do comunismo autoritário e tecnocrático chinês e

também do comunismo industrial da ex-União Soviética, correspondendo a um momento que se deve envidar todos os esforços por forma a se combater a epidemia, que pode ser travada apenas com uma “abordagem coletiva coordenada” e “abrangente que envolva toda a máquina estatal”, acrescentando-se a importante “mobilização local” e a “coordenação e colaboração internacionais” (p. 62).

Por outras palavras, o filósofo pretende dizer, em primeiro lugar, que é necessário requisitar e nacionalizar<sup>[14]</sup> empresas e serviços indispensáveis para que fiquem ao serviço do Estado; em segundo lugar, a abordagem coletiva coordenada não deverá implicar uma política de confinamentos e quarentenas persistentes<sup>[15]</sup>,

---

[14] Relembrando a posição do filósofo a respeito da necessidade das nacionalizações: “O Estado devia não só assumir um papel muito mais ativo, organizando a produção de bens de que haja necessidade urgente, como máscaras, *kits* de testes e ventiladores, confiscando hotéis e outras instâncias, garantindo um mínimo de sobrevivência para todos os novos desempregados, e por aí fora, como devia fazê-lo renunciando aos mecanismos de mercado” (*Ibidem*, p. 89.)

[15] O filósofo considera que a política de confinamentos, isolamentos e quarentenas não é suficiente para se combater a doença da Covid-19. Como o próprio afirma, “Uma coisa é certa: só o isolamento, a construção de novos muros e mais quarentenas não será suficiente. Precisamos de solidariedade total



e incondicional e de uma resposta globalmente coordenada, uma nova forma daquilo a que dantes se chamava comunismo. Se não orientarmos os nossos esforços nesta direção, então aquilo em que se tornou hoje a cidade de Wuhan será a típica cidade do futuro. Várias distopias já se puseram a imaginar um futuro desse género: ficamos em casa, trabalhamos nos nossos computadores, comunicamos através de videoconferências, fazemos exercício numa máquina a um canto do nosso escritório doméstico, masturbamo-nos ocasionalmente em frente a um ecrã a ver vídeos de sexo *hardcore* e recebemos comida ao domicílio, sem nunca vermos outros seres humanos em pessoa” (p. 54). Byung-Chul Han apontará para outros direções para além das políticas de quarentena e de confinamento, “os velhos moldes da Europa”. Por outro lado, Bruno Latour louvará os momentos de quarentena e de confinamento como “extraordinários” e “terapêuticos”, porque se trata de uma forma de “recolhimento” e um momento de reflexão para se “criar um futuro melhor”. (2020, 6 de junho). Por sua vez, Bernard-Henri Lévy criticará severamente a posição de Bruno Latour. O terceiro capítulo do seu livro *Este Vírus que nos Enlouquece*, Lévy faz referência aqueles que estão confinados e felizes no confinamento e que defendem que é necessário aproveitar a oportunidade do confinamento proporcionado pelo vírus da covid-19 para “procurar as felicidades simples, as delícias do tempo que não passa, a alegria dos gestos quotidianos reaprendidos, mas sobretudo a recenrar-se e a escutar a sua vida (...)”. (2020, p. 54). Lévy critica acerrimamente aqueles que defendem que o confinamento é positivo porque têm uma casa com terreno na Normandia e conseguem tratar dos seus jardins, esquecendo os graves problemas sociais nos lares de terceira idade, ou daqueles que vivem num T1, num bairro de lata ou numa favela, sendo “um insulto aos que não tinham casa onde ficar” (p. 56). Ao contrário do que muitos alegam, lembra-nos o pensador, as experiências de isolamento social, de redenção ou retiro espiritual, ao longo da história, sempre serviram para “nos confrontar com a nossa finitude”, sendo encaradas como uma “ascese”, uma “prova”, uma “experiência metafísica dolorosa”; nunca foram para procurar

mas a mobilização local, que contará com a ajuda da população local para tomar conta dos idosos e de pessoas necessitadas; a dinamização de pessoas imunes à doença para levarem a cabo as atividades indispensáveis na sociedade (pessoal ligado à saúde, à restauração, a técnicos de limpeza variados, auxiliares, empregados domésticos, operários de manutenção e da construção civil, trabalhadores manuais, entre outros), mas também a cooperação e colaboração internacional, que pressupõe a organização da produção e partilha de recursos à escala global<sup>[16]</sup>. Trata-se de uma ló-

as distrações e os prazeres mais simples, seja na culinária, no jardim, ou através das redes sociais ou em qualquer outra atividade hedonista” (pp. 56-57).

[16] De acordo com Zizek, as finanças globais e os mecanismos de mercado não são suficientes para combater a fome e a miséria no mundo. Para Fared Zakaria, porém, esta afirmação é controversa. Para Zakaria, as democracias lidam melhor do que as ditaduras: “analisando todas as epidemias desde 1960, *The Economic* descobriu que as ditaduras lidam amiúde erroneamente com os surtos. Em geral, as democracias gerem-nas melhor, o que tem como resultado taxas de mortalidade significativamente inferiores quando comparadas a autocracias com o mesmo nível de receitas. Também o economista nobelizado Amartya Sen descobriu que as democracias tendem a responder melhor à escassez de alimentos do que as ditaduras, uma vez que a chave para impedir que alastre assenta na liberdade de informação...e na pressão que esta exerce sobre os governantes eleitos” (Zakaria, 2020, p. 38).

gica que atua de forma radicalmente diferente do capitalismo neoliberal global – que atua com base na maximização do capital – para uma dinamização com base na solidariedade e fraternidade humanas globais.

Desta forma, o comunismo reinventado estatui-se como um “comunismo de guerra”, nas palavras do filósofo, de “um comunismo imposto pelas necessidades da mera sobrevivência” (2020, p. 80), que terá de ser forçosamente criado para fazer face a uma nova era de crises naturais e ecológicas desastrosas<sup>[17]</sup> que a doença

[17] É importante aqui referir que Naomi Klein faz referência à necessidade de se alterar a ordem mundial vigente para outra que não tenha o mercantilismo e o lucro como lógica de funcionamento e como fim desse mesmo sistema: “Se, por outro lado, nós os seres humanos nos encontrávamos verdadeiramente à beira de nos salvarmos na década de 1980, mas fomos inundados por uma vaga de fanatismo de mercado livre da elite, a que se opunham milhões de pessoas em todo o mundo, então há algo bastante concreto que podemos fazer quanto a isso. Podemos confrontar essa ordem económica e tentar substituí-la por algo que está enraizado tanto na segurança humana como na planetária, uma ordem que não coloca no seu centro a busca de crescimento económico e de lucro a todo o curso” (Klein, 2020, p. 251). Prevalece aqui uma certa afinidade com Slavoj Žižek, ainda que a autora nunca tenha mencionado nada relacionado com o comunismo. A jornalista considera fundamental o desenvolvimento de uma política verde enquanto único fundamento dessa mesma ordem mundial, que consiste num novo acordo verde (*Green New Deal*): “New Deal Verde é o conjunto de medidas

da Covid-19 veio, implacavelmente, inaugurar.

A alternativa ao comunismo reinventado é a barbárie (Žižek, 2020, p. 90). O regresso à barbárie significa a abolição do cumprimento das leis do Estado para se viver num estado constante de sobrevivência, onde tudo é permitido. Refere Žižek que “é possível que, nalgumas partes do mundo, o poder estatal venha em parte a desintegrar-se e os déspotas locais passem a controlar os seus territórios numa luta pela sobrevivência generalizada ao estilo *Mad Max*, especialmente se ameaças como a fome ou a degradação do ambiente se acentuarem”. Desta forma, “é possível que grupos extremistas adotem a estratégia nazi de ‘deixar morrer os velhos e os fracos para fortalecer e rejuvenescer a nossa nação’” (pp. 86-87).

Todavia, como o filósofo não cessa de sublinhar, esta revolução anunciada é, ou deverá ser, precedida por uma revolução filosófica fundamental, que

implementadas nos Estados Unidos da América para combater as alterações climáticas. Em 2019, na esteira deste programa, a União Europeia assumiu o compromisso de lançar o Pacto Verde Europeu (*European Green Deal*). A expressão *Green New Deal* é inspirada no Programa New Deal, implementado entre 1933 e 1937, sob o governo do presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objetivo de combater a Grande Depressão e recuperar e reformar a economia norte-americana” (p. 29).



consiste numa mudança da “nossa orientação fundamental em relação à vida”, que nunca mais será a mesma após a eclosão da Covid-19. A revolução filosófica consiste numa transformação da atitude em relação à vida, porque esta deixou de ser normal e adquirida, para passar a ser frágil e fugidia, sujeita a “ameaças constantes” (p. 70). Neste sentido, para enfrentar as várias crises que se inscrevem no horizonte, precisamos, tal como o filósofo aponta, “de uma mudança filosófica radical, muito mais radical do que o lugar-comum de realçar como nós, humanos, somos parte da natureza, isto é, como os nossos processos produtivos fazem parte do metabolismo dentro da própria natureza” (p.105).

#### 4. A Covid-19 e o Controlo Asiático

Segundo Byung-Chul Han, alguns países asiáticos, como o Japão, a Coreia do Sul e a China, têm vindo a controlar muito melhor a pandemia da Covid-19 do que, por exemplo, os europeus, ao ponto de se ter assinalado um “êxodo de asiáticos”, que abandonaram a Europa por se sentirem mais seguros nos seus países de

origem. Na perceção de Byung-Chul Han, a Ásia lidou e tem lidado melhor com a situação do coronavírus do que a Europa de forma indiscutível, motivado por alguns fatores.

Por outro lado, antes das vacinas, a Europa falhou, não conseguiu controlar a pandemia, situação que colocou em causa o seu sistema (2020, p. 97). A desolação foi sentida um pouco por todos os países europeus: o número de casos foi vertiginoso, o número de mortes foi exponencial e os ventiladores foram e continuam a ser insuficientes para todos os pacientes, tendo-se, assim, de se tomar decisões sobre quem vive e quem morre todos os dias. A Europa, assim que se tornou o “epicentro” da epidemia, deveria ter fechado as fronteiras, não a quem quisesse entrar, mas aos europeus que desejassem sair.

#### 5. As Vantagens da Ásia

Byung-Chul Han considera que o sucesso de alguns países asiáticos na luta contra o coronavírus está relacionado com uma “mentalidade autoritária” proveniente das suas tradições culturais, onde as pessoas são muito mais obedientes e confiam mais no



Estado. De acordo com Han, tendo em consideração que “a vida diária é organizada de forma muito mais rígida do que na Europa” (pp. 97-99) alguns países asiáticos não têm dúvidas de que a vigilância digital e a análise de megadados (*Big Data*) constituem-se como a melhor forma para se controlar o coronavírus[18], que se trata, na opinião do sul-coreano, de “uma mudança de paradigma que a Europa ainda não descobriu” (p. 99).

Esta monitorização digital no controlo do coronavírus é proveniente da observação constante e da avaliação consistente que o Estado Chinês tem levado minuciosamente a cabo em relação aos cidadãos. Assim, as compras e navegações *online* são rigorosamente controladas, assim como as redes sociais que são visitadas e comentadas e todo o tipo de comunicações. Da mesma forma, é extremamente difícil escapar a cerca de 200 milhões de câmaras de vigilância na China, equipadas com “uma técnica de re-

[18] É importante ter em conta que a China possui uma política de base tecnocrata que privilegia a vigilância digital e eletrónica para o controlo de variados aspetos da população. A monitorização digital e eletrónica já existia antes da irrupção da doença da Covid-19, tendo sido adaptada para o controlo e erradicação da mesma.

conhecimento altamente eficiente”<sup>[19]</sup> (p.100). Os espaços públicos, as lojas, as ruas, estações e aeroportos são constantemente monitorizados.

É esta infraestrutura de controlo e vigilância digital que controla policialmente a população e que se revelou e está a revelar eficaz e competente para conter a epidemia, segundo Han. A alta tecnologia permite verificar a temperatura corporal, notificar os cidadãos face a algum perigo ou exposição através de aplicações de coronavírus, controlar as fugas das quarentenas, e ter acesso, em tempo real, a todas as informações relevantes para controlo social e sanitário<sup>[20]</sup> (p. 101). Enquanto que a Europa, revela Han, continua presa a antigos moldes de soberania, proclamando um “estado

[19] O Estado avalia de forma consistente o comportamento social dos cidadãos. Como refere Han, “Na China, não há momento da vida quotidiana que não esteja sujeita à observação. Cada clique, cada compra, cada contacto, cada atividade nas redes sociais é controlada. Quem cruza com o sinal vermelho, quem lida com os críticos do regime ou quem posta comentários críticos nas redes sociais tiram pontos. Então a vida se pode tornar muito perigosa. Pelo contrário, quem compra alimentos saudáveis online ou lê jornais relacionados com o regime ganha pontos” (p. 100).

[20] Por exemplo, “todos os locais onde houve infeção são registados no aplicativo ‘coronavírus’” (p.103). que serve de informação para todos os cidadãos, como para limpeza e desinfestação posterior dos mesmos.



de alarme” e fechando fronteiras, confiando nos profissionais de saúde para controlar a epidemia, países asiáticos como a China, Japão, Taiwan, Coreia do Sul e Singapura apostam tudo no controlo informático, na vigilância eletrónica, na digitalização e no controlo de grandes fluxos de informação (*Big Data*) para combater o vírus.

Uma outra diferença significativa consiste no uso das máscaras protetoras. O ensaísta fornece o exemplo de que, na Coreia do Sul, ninguém anda sem máscaras protetoras especiais com filtros, que “contribuíram decisivamente para a contenção da epidemia”, enquanto que, nos países europeus, ninguém usou máscara (pp.104-105)<sup>[21]</sup>. O pensador acentua a “diferença cultural” que subjaz na Europa, onde “prevalece um individualismo que traz consigo o costume de usar o rosto descoberto. Os únicos mascarados são criminosos” (p.106). Neste sentido, a “fabricação de máscaras, como tantos outros produtos, era terceirizada para a China” (p.106). Quando nem sequer os profissionais de saúde tiveram acesso a máscaras protetoras, resta a lição para a Europa de “trazer a produção de determina-

[21] O pensador refere-se ao início da pandemia, em 2020.

dos produtos de volta para a Europa” (p.106).

Recorda-nos Byung-Chul Han que, em plena guerra fria, a sociedade ocidental organizava-se com fronteiras bem delimitadas para se proteger do inimigo, que impediam a circulação de bens e de mercadorias. Após este período, as fronteiras foram abolidas para que os bens, serviços e capital circulassem sem limitações num mundo globalizado. Aqui, o inimigo deixou de existir, propagando-se, com a globalização e neoliberalismo, a promiscuidade e a permissividade generalizadas, o excesso de positividade<sup>[22]</sup> (2014, pp. 9-10) o excesso de rendimento, de produção e de

[22] Byung-Chul Han considera que “cada época tem as suas doenças paradigmáticas. Podemos, assim, dizer que existe uma época bacteriana que só durou, porém, quando muito, até à descoberta dos antibióticos. Apesar do medo descomunal de uma pandemia gripal, não vivemos presentemente numa época viral. Graças ao desenvolvimento da técnica imunológica, já a conseguimos ultrapassar. De um ponto de vista patológico, não é o princípio bacteriano nem o viral que caracterizam a entrada no século XXI, mas, sim, o princípio neuronal. Determinadas doenças neuronais, tais como a depressão, o transtorno por défice de hiperatividade (TDAH) ou certas perturbações da personalidade — transtorno de personalidade *borderline* (TPB) ou síndrome de *burnout* (SB) — descrevem o panorama patológico do início do século XXI. Não estamos já perante infeções, mas, sim, enfartes, originados não pela negatividade do outro imunológico, mas, sim, por um excesso de positividade” (pp. 9-10).

comunicação. O capitalismo global e desenfreado enfraqueceu imunologicamente os países ocidentais e foi através desta vulnerabilidade que o vírus irrompeu, e por onde o “inimigo” (invisível) regressou<sup>[23]</sup> (p.12). Refere o filósofo que o “pânico desmedido causado pelo vírus é uma reação imunitária social, e até global, ao novo inimigo”(2020, p. 108). Desta forma,

[23] Para Byung-Chul Han “O século passado foi uma época imunológica, um período em que se traçou uma clara distinção entre interior e exterior, amigo e inimigo, próprio e estranho. A própria Guerra Fria seguia este esquema imunológico. Na realidade, o paradigma imunológico do século passado está, ele mesmo, profundamente dominado pela terminologia da Guerra Fria, por um autêntico dispositivo militar, por assim dizer. Todo o mundo imunológico se definia em função da ideia de ataque e defesa. A este dispositivo imunológico, que não se restringia apenas à esfera biológica, mas que se estendia pela esfera social, abrangendo a sociedade como um todo, subjazia uma cegueira: tudo o que era estranho seria eliminado. O objecto da defesa imunológica é a estranheza enquanto tal. Mesmo que o estranho não tenha qualquer intenção adversa, mesmo que não represente nenhum perigo, a sua alteridade conduzirá à sua eliminação.” (2014, p. 12). Porém, segundo o pensador, “O paradigma imunológico não é compatível com o processo de globalização. A alteridade, motor da reação imunológica, impediria o processo de abolição de fronteiras. O mundo organizado por categorias imunológicas possui uma topologia própria. É um mundo informado por fronteiras, passagens, limiares, vedações, fossos, muralhas, barreiras que dificultam o processo de troca e de intercâmbio universal. A promiscuidade geral, que hoje em dia informa todos os sectores da sociedade, e a ausência de uma efetiva alteridade imunológica formam uma relação recíproca de causa e efeito” (*Ibidem*, p. 12).

a globalização, os mercados livres e as finanças globais foram a porta de entrada para o inimigo invisível, que apanhou de surpresa os europeus indefesos.

## 6. Crítica a Slavoj Zizek e ao Comunismo Reinventado

O pensador sul-coreano critica a posição de Slavoj Zizek, quando este defende “que o vírus deu um golpe mortal no capitalismo”, evocando, com este golpe, o início de um “comunismo obscuro,” que até poderá “derrubar o regime chinês” (2020, p. 109). Na perceção de Han, Zizek considerou, de forma equivocada, que a paragem do sistema capitalista neoliberal provocada pela pandemia se efetiva como uma possibilidade para se alterar este mesmo sistema para uma engrenagem política mais solidária, fraternal e cooperante. Na sua leitura derradeira, Zizek considera que o vírus venceu o capitalismo, tornando-se necessário uma mudança radical na ordem mundial atual para se combater o vírus e as supostas crises sociais, económicas e ambientais que a partir dela advirão.



A leitura que Byung-Chul Han faz da pandemia é menos revolucionária. O filósofo considera que nenhum “vírus vencerá o capitalismo”, porque “nenhum vírus é capaz de fazer a revolução” na vez do ser humano, precisamente porque o vírus “nos isola e individualiza”, não sendo capaz, por isso, de gerar “nenhum sentimento coletivo forte” (2020, p. 111). Várias guerras, epidemias, crises sociais, económicas e naturais surgiram desde meados do século XX e nenhum destes acontecimentos foi suficientemente decisivo para derrubar o capitalismo.

A mesma opinião é partilhada por Bernard-Henri Lévy, que considera lamentável os anti globalistas e os ambientalistas que argumentam que o vírus possui uma mensagem para a humanidade, sendo, por isso, um erro colossal “desperdiçar a catástrofe” ou a de “não saber aproveitar a ‘oportunidade histórica’ oferecida pela pandemia”<sup>[24]</sup> (2020, p. 41), uma vez que se trata de um “aviso da natureza” para que se considere uma sociedade onde serão “viralizados” os “ideais de solidariedade e igualdade” (p. 41).

[24] O autor aborda aqui os milhares de mortos anunciados pela pandemia para contrastar aqueles que defendem o coronavírus como uma oportunidade histórica oferecida pela pandemia.

Lévy critica severamente Bruno Latour, quando este defende que o coronavírus se trata de um “ultimato que foi lançado por uma Gaia maltratada e impaciente,” e que, por isso, “o vírus é uma ‘grande oportunidade,’” e que “uma mão invisível que guiará os economistas a, num grande ‘puxão de freios,’ avançar com o seu programa de aterragem” (p. 42) Neste cenário, “há apenas uma emergência: colaborar com o evento corona para nos tornarmos também ‘interruptores da civilização’”, para “obter ‘o que o vírus consegue através de humildes perdigotos boca a boca’ – ou seja, a revolucionária ‘suspensão’ da ‘economia mundial’” (p. 42). Como refere Bernard-Henri Lévy a este propósito: “a velha lua marxista da crise final do capitalismo misturou-se com a colapsologia” (p. 42).

É precisamente neste sentido que Byung-Chul Han acredita que a pandemia não é o pretexto ideal para uma mudança radical de paradigma, precisamente porque nenhum vírus pode fazer uma revolução de forma isolada. Num ataque desferido a Slavoj Zizek, relembra que “não podemos deixar a revolução nas mãos do vírus”, preferindo acreditar numa revolução humana que forçosamente terá de vir num contexto pós-pandemia para

“repensar e restringir” o atual modelo do “capitalismo destrutivo” (2020, p. 108), que ameaça destruir os seres humanos e o planeta. O filósofo sul-coreano também não é a favor do atual sistema capitalista neoliberal global altamente predador e voraz dos recursos do planeta terra, mas considera altamente improvável que este período de confinamento mundial seja propício para se fomentar uma revolução da ordem mundial. Apela, por isso, a uma revolução plenamente humana, que se pode concretizar numa era pós-Covid-19.

É interessante constatar que o pensamento de Bernard-Henri Lévy encontra correspondência com o do filósofo sul-coreano neste ponto. O que verdadeiramente interessa em plena pandemia, afirma o filósofo francês, é o “debate democrático”, não sobre as utopias solidárias para uma era pós-Covid-19, mas “nas medidas a serem implementadas aqui, agora, concretamente, no mundo que existe” (2020, p. 46).

Apesar de o autor lembrar que também é a favor de “reparar o mundo”, de aplicar os travões de “emergência à história”, e que também sonha para “ver o princípio ecológico a entrar para sempre no espírito das leis”, defende que, se tais medidas

utópicas irromperem “nesta interrupção catastrófica”, poderão dar origem a “consequências incalculáveis” (p. 45). Isto porque é necessário calcular quantas vidas serão salvas com estas medidas drásticas, mas também as vidas que serão colocadas em perigo, junto das populações e nas regiões mais frágeis e vulneráveis. Ou seja, o pensador lança um apelo para se ultrapassar o “falso” debate da “vida” e da “economia”, mas “comparar o custo, em vidas, do surto viral, por um lado, e, por outro, do congelamento por este coma autoinfligido em quase todo o planeta, transformado num laboratório de experiência política radical” (p. 46). Com este discurso, nota-se claramente que Lévy está preocupado, como ele próprio refere, com as mentes críticas da galáxia da ultrasquerda a aplaudir um estado de emergência” (p. 46).

Ao contrário das utopias que consideram a pandemia da Covid-19 o derradeiro momento para a humanidade se reorganizar e erguer do confinamento global um admirável mundo novo, Byung-Chul Han receia que as sombras das distopias orientais ameacem o horizonte ocidental com o seu êxito tecnocrático no combate à pandemia. Ao contrário da posição de Žižek, que considera que, tal como



o capitalismo neoliberal, o regime político chinês está condenado ao fracasso, Han considera precisamente o contrário: que “a China poderá vender agora o seu Estado policial digital como um modelo de êxito contra a pandemia” (2020, p. 110). O ensaísta está convencido que, numa era pós-pandémica, o capitalismo continuará com mais força e os turistas “continuarão a pisar o planeta,” sendo possível “que chegue ao ocidente o estado policial digital ao estilo chinês” (p. 110)<sup>[25]</sup>. Tratar-se-á, se tal acontecer, de um capitalismo reinventado, ao contrário do comunismo reinventado, anunciado por Slavoj Žižek. Um capitalismo de cariz tecnocrata, altamente maleável e com grande capacidade para se adaptar a ambientes adversos, competente na adoção de medidas sociais e económicas extremas em situações de crise excepcional, bem como na aplicação de restrições de direitos, liberdades e garantias fundamentais do cidadão em prol da proteção da população.

[25] É importante salientar que, embora o pensador admita a possibilidade para a implementação de um estado policial no ocidente semelhante ao regime chinês, espera, obviamente, não ter razão. O autor mantém a esperança de que “após a comoção causada por esse vírus não chegue à Europa um regime policial como o chinês” (p. 110).

Se acontecer esta situação, o estranho pressentimento inicial de Giorgio Agamben<sup>[26]</sup> poderá revelar-se correto, ainda que de forma enviesada e obscura.

## Considerações Finais

Ao longo deste trabalho, procurou-se analisar e refletir, por um lado, através das posições filosóficas de Slavoj Žižek e algumas considerações de Bruno Latour, se o coronavírus representa um marco decisivo na história da humanidade que dará lugar a uma revolução profunda no ser humano e, consequentemente, a uma alteração revolucionária da ordem mundial em vigor, ou se, pelo contrário, através dos argumentos de Byung-Chul Han e de Bernard-Henri Lévy, nenhum vírus é capaz de fazer a revolução na vez do ser humano. O facto de se escrever este artigo no ano de 2022, numa era em que a Covid-19 já está numa fase mais controlada, permite-nos apurar alguns pontos fundamentais em relação a estas duas posições antagónicas utópica e distópica.

Os filósofos em questão discordam em relação a cinco pontos fundamen-

[26] Giorgio Agamben teme que o estado de exceção passe a ser a situação normal de governação.

tais, sendo estes: a fiabilidade do sistema político chinês; a permissividade ocidental e os receios apocalípticos do ocidente; o retorno da produção de bens considerados estratégicos para a Europa; o momento ou circunstância da revolução filosófica e a reorganização social e política global. Por fim, o princípio em relação às medidas sociais que não devem ser adotadas para erradicar a pandemia.

No que diz respeito ao primeiro ponto, a fiabilidade do sistema político chinês, Byung-Chul Han considera que os países asiáticos, sobretudo a China, detêm uma vantagem em relação ao ocidente no combate ao coronavírus, devido à mentalidade autoritária e à confiança da população chinesa depositada nos seus governantes. O pensador esloveno, por outro lado, desconfia desta certeza anunciada por Byung-Chul Han em relação à confiança cega dos cidadãos no governo chinês, porque considera que, num regime autocrático, prevalece a repressão social e o medo e, conseqüentemente, a possível omissão de informação fidedigna e da verdade. Não é possível distinguir qualquer certeza das ações que são realizadas em países fechados em si próprios, como é o caso do país em

questão. Prevalece, neste êxito virtual proclamado, alguma obscuridade em relação aos seus métodos e aos resultados finais anunciados, embora se tenha de dar mérito à iniciativa de se combater a epidemia sem ser com recurso a confinamentos duradouros ou recorrendo exclusivamente a especialistas da saúde, como também nos relembra Bernard-Henri Lévy (2020, pp.23-25). Sem dúvida alguma, fica aqui expresso o desafio para a Europa e Estados Unidos da América de mostrar que é capaz de lidar com catástrofes naturais e ecológicas de forma transparente e eficaz, recorrendo a outras formas de combater estes flagelos sem ser com recurso a confinamentos e isolamentos duradouros.

A segunda divergência, a permissividade ocidental e os receios apocalípticos do ocidente, tem como mote a questão defendida por Byung-Chul Han sobre a permissividade ocidental. A permissividade ocidental consiste no enfraquecimento do sistema imunológico da Europa e dos Estados Unidos da América, que surgiu como consequência da globalização e da irrupção do capitalismo neoliberal no mundo, e que possibilitou a entrada e a eclosão de um inimigo invisível nas suas fileiras, o coronavírus, para





surpresa e choque dos europeus e americanos. Por outro lado, Slavoj Zizek considera que o ocidente não é assim tão permissivo quanto Byung-Chul Han o observa, pois, o espaço europeu está impregnado de visões apocalípticas e fobias várias, desde o flagelo da crise ecológica mundial aos medos generalizados de terrorismo e dos refugiados islâmicos, entre outros aspetos (2020, p. 85).

Considera-se que, sendo certo que prevaleçam estes receios no imaginário social e coletivo de muitos países europeus, os seus mecanismos de segurança e proteção em nada faziam antever a irrupção de uma epidemia à escala global, que se propagou de forma proporcional à celeridade da globalização e da dinâmica dos mercados, da circulação geral de bens, serviços e pessoas no mundo e também das finanças globais. Neste sentido, o filósofo sul-coreano aponta aqui uma fragilidade do sistema imunitário capitalista neoliberal que importa ser reconhecido.

A terceira divergência, o retorno da produção de bens considerados estratégicos para a Europa, assenta no consentimento geral de que o combate ao coronavírus é muito mais eficaz se as

pessoas utilizarem máscaras protetoras. Os países ocidentais foram atingidos violentamente pelo vírus, pelo facto de as políticas neoliberais terem translocalizado empresas que fabricam este tipo de produtos (máscaras protetoras, gel desinfetante, entre outros) para países asiáticos. Neste sentido, o ensaísta sul-coreano considera de extrema importância o retorno da produção de bens considerados estratégicos para a Europa, porém, com diferenças para com a posição de Zizek. Enquanto que Han não especifica se, com a realocação destas empresas estratégicas em solo europeu, as mesmas continuariam privatizadas ou ficariam sob a administração dos respetivos Estados-Nação (supondo-se, contudo, que permaneceriam no setor privado), Zizek foca a sua argumentação na necessidade de nacionalizar empresas e património privado considerado estratégico para fazer face, não só ao coronavírus, mas às várias crises que se avizinham. Seguramente, a Europa e os Estados Unidos terão de fazer alguma coisa em relação a este aspeto.

A quarta divergência está na escolha do momento em que se deve incidir numa revolução filosófica e a respetiva reorganização social e política global. A leitura que Slavoj Zizek

possui em relação ao surgimento do coronavírus aparece associada ao facto de a globalização e o capitalismo exacerbado se terem infiltrado em todos os cantos do mundo desde o século XX, dando origem a um conjunto de crises sociais, económicas, naturais e ecológicas sem precedentes, das quais o coronavírus faz parte. Dadas as contrariedades da pandemia, o filósofo esloveno defende que está lentamente em marcha um comunismo que vai sendo reinventado, seja através de uma política de nacionalizações que têm vindo a ser executadas por alguns líderes mundiais, seja através de ações de cooperação e de solidariedade nacionais e internacionais concretizadas um pouco por todo o planeta. Neste cenário, é apologeta de que o coronavírus representa uma oportunidade para uma revolução filosófica e política que o ser humano tem de levar a cabo, caso contrário, a humanidade regressará à barbárie. Aponta, por isso, para um ideal utópico, um comunismo reinventado, que tem por base um forte sentido de cooperação e solidariedade, uma robusta mobilização local e a partilha de recursos a nível internacional.

Bruno Latour não tem dúvidas de que a crise ecológica e natural foi

despontada por uma Gaia há muito tempo maltratada pelo ser humano e que o vírus corresponde a um sinal, a um aviso, fornecido pela natureza, de que é necessário a humanidade mudar radicalmente de rumo, derrubando a ordem estabelecida, tal como fez o vírus. Estes autores consideram que é absolutamente necessário mudar o paradigma político-económico mundial, que deve ser antecedido por uma revolução filosófica fundamental, que consiste numa mudança radical a nível pessoal na relação que se tem com a vida, de que os tempos mudaram de forma abrupta e de que nada voltará a ser normal.

Por outro lado, a posição de Byung-Chul Han é muito clara neste ponto. Nenhum vírus é capaz de fazer a revolução na vez do ser humano. O vírus isola-nos e coloca-nos em confinamento. Não se trata de uma oportunidade histórica. Para Han, se houver lugar para uma revolução, o mesmo prognostica para que seja num momento pós-covid, para que esta revolução, que tem obrigatoriamente de ser concretizada, seja uma revolução verdadeiramente humana.

Bernard-Henri Lévy, por sua vez, critica violentamente os anti globalistas, os ecologistas e ambientalistas que defendem que o coronavírus se trata



de um aviso da natureza, neste caso, Bruno Latour e, implicitamente, Slavoj Žižek, entre outros pensadores. O pensador considera que este tipo de intervenções se trata de um oportunismo marxista de que o coronavírus representa o fim do capitalismo e o início de uma era de fraternidade, solidariedade e cooperação à escala global. O importante, sugere o filósofo, deverá ser as medidas adotadas no presente e não numa hipotética era pós-coronavírus. Portanto, Byung-Chul Han e Lévy são partidários que as diversas utopias não vão ao encontro dos males que assolam o presente, e que, pelo contrário, apenas negligenciam a vida de milhares de pessoas enquanto se pensa em hipotéticas transformações da ordem mundial.

O último ponto consiste, precisamente, no princípio em relação às medidas sociais que não devem ser adotadas para erradicar a pandemia. Todos estes pensadores são apologistas, à exceção de Bruno Latour, de que as medidas adotadas para se combater a pandemia não se devem restringir somente ao paradigma de controlo e de vigilância, de isolamento, de mais quarentenas e da construção de novos muros e do encerramento de fronteiras. Se Byung-Chul Han considera que

a Europa continua presa a velhos moldes de soberania, Žižek considera um erro as pessoas continuarem confinadas à espera que os Estados determinem os seus futuros. Na outra extremidade, Latour considera que o confinamento se pode revestir de um momento extraordinário, de um momento de recolhimento e de intensa reflexão, podendo, desta forma, ser terapêutico e uma forma de ponderar um futuro melhor.

Contudo, Bernard-Henri Lévy faz referência àqueles que estão confinados e felizes no confinamento, como é caso de Latour, e que defendem que é necessário aproveitar a oportunidade do confinamento proporcionado pelo vírus da Covid-19 para procurar a felicidade e o sentido da vida, esquecendo-se daqueles que estão num lar de terceira idade ou que estão confinados em espaços reduzidos ou miseráveis, em favelas ou em bairros de lata. A experiência do isolamento, refere Lévy, recorrendo a exemplos da história filosófica ocidental, nunca foi para procurar as alegrias mais simples ou a felicidade, constituindo-se, antes, como um meio doloroso, uma prova, uma experiência dolorosa, uma ascese para, por vezes, a pessoa se superar a si própria.

Esta crítica de Bernard-Henri Lévy a Bruno Latour constitui-se como uma evidência de que, ao considerar-se os colossais problemas humanos e sociais que advêm dos confinamentos assinalados a nível mundial, se torna muito difícil a concretização de qualquer espécie de revolução filosófica do ser humano e muito menos a transformação radical da ordem mundial. Desta forma, o quinto ponto consegue responder ao quarto ponto, que se constitui o objetivo deste trabalho. Será uma missão árdua, senão impossível, qualquer alteração no paradigma político-económico mundial enquanto decorrerem Estados de Emergência ou Estados de Exceção contínuos, quarentenas, isolamentos e confinamentos obrigatórios, entre outras reclusões, porque, à exceção de uma minoria, grande parte da população mundial não possui condições para levar a cabo uma experiência gratificante de autossuperação pessoal, seja ao nível da reflexão crítica e filosófica, ou a nível espiritual e de autoconhecimento, porque estão simplesmente preocupadas com outras coisas, como a sobrevivência, por exemplo, se considerarmos as populações indefesas dos países em vias de desenvolvimento que, para além do número elevado de contágios do co-

ronavírus (Índia, abril de 2021), são vítimas, em simultâneo, de ataques terroristas (Moçambique, março de 2021), inundações e catástrofes naturais (Indonésia, Timor-Leste, Angola, abril de 2021), da fome, da miséria e da degradação ambiental.

Da mesma forma, num período em que se alude ao número elevado de casos de pessoas com síndrome de *burnout* ou de *burnout* parental, tendo em consideração as responsabilidades acrescidas pela maior parte das famílias no período de confinamento, não haverá, certamente, lugar nem espaço para uma revolução, seja ela de que natureza for. Os líderes mundiais, direta ou indiretamente, também são influenciados e afetados por estes infortúnios.

Porém, é importante considerar que as contribuições de Slavoj Žižek sobre a mobilização local (capacidade para se criar mecanismos de mobilização local das populações para prover eventuais situações de crise), e a partilha de recursos a nível internacional (por exemplo, sugerimos a criação de um organismo internacional anti catástrofes) poderão afigurar-se como fundamentais para combater a pandemia e eventuais catástrofes naturais, económicas, sociais e ecológicas no futuro. Da mesma forma, o recurso



e o desenvolvimento da tecnologia ao serviço de uma política ambiental global inscreve-se como o único e principal desafio para as sociedades democráticas, que, ao contrário dos regimes tecnocratas autocráticos, terão, por um lado, de saber manter os direitos, liberdades e garantias fundamentais dos cidadãos e, por outro lado, ousar avançar com uma política verde global em que a tecnologia esteja ao seu serviço. Possivelmente, a sua sombra política será a autocracia tecnocrática. Assim, afigura-se indispensável, num momento pós-pandemia, uma revolução humana e, através dela, uma revolução política e tecnológica a favor de um novo acordo verde mundial, o único ponto em todos os pensadores estão de acordo, que contrarie a constante degradação ambiental do planeta e que consiga preparar a humanidade para os próximos desafios naturais, sociais e ecológicos.

As utopias e distopias são fundamentais na literatura e pensamento ocidentais, mas as mesmas não devem convidar a passividade do indivíduo em relação às exigências ambientais e epidemiológicas do presente e muito menos à fragmentação e isolamento do Homem em relação às necessidades do outro.



## Referências Bibliográficas

**AGAMBEN**, Giorgio (2020). “Contágio”. In Pablo Amadeo (Ed.) *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias* (pp. 31-33). Barcelona: ASPO.

\_\_\_\_\_ (2020, 26 de fevereiro). L’invenzione di un’epidemia. In *Quodlibet*. Disponível em: <https://www.quodlibet.it/giorgio-agamben-l-invenzione-di-un-epidemia>.

\_\_\_\_\_ (2020). “La Invención de Una Epidemia”. In Pablo Amadeo (Ed.), *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias* (pp.17-19). Barcelona: ASPO.

\_\_\_\_\_ (2020). “Reflexiones Sobre La Peste”. In Pablo Amadeo (Ed.) *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias* (pp. 135-137). Barcelona: ASPO.

**HAN**, Byung-Chul (2014). *A Sociedade do Cansaço*. Traduzido por Gilda Lopes Encarnação. Lisboa: Relógio D’Água.

\_\_\_\_\_ (2020). “La emergencia Viral y el Mundo de Mañana”. In Pablo Amadeo (Ed.) *Sopa de Wuhan – Pensamiento Contemporáneo en Tiempos de Pandemias*, (pp. 97-111). Barcelona: ASPO.

\_\_\_\_\_ (2020, 21 de março). “O Coronavírus de Hoje e o Mundo de Amanhã”. *Jornal El País*. Disponível em: <https://elpais.com/ideas/2020-03-21/la-emergencia-viral-y-el-mundo-de-manana-byung-chul-han-el-filosofo-surcoreano-que-piensa-desde-berlin.html>.

**KLEIN**, Naomi (2020). *O Mundo em Chamas – Um Plano B para o Planeta*. Traduzido por Ana Saldanha. Lisboa: Editorial Presença.

**LÉVY**, Bernard-Henri (2020). *Este Vírus que nos Enlouquece*. Traduzido por João Luís Zamith e André Tavares Marçal. Lisboa: Guerra e Paz Editores, S.A..



**SANTOS**, Boaventura de Sousa (2020, 18 de março). “Vírus: Tudo o que é sólido se desfaz no ar”. *Jornal Público*.

**WATTS**, Jonathan (2020, 6 de junho). “Interview. Bruno Latour: ‘This is a Global Catastrophe That Has Come from Within’”. *The Guardian*.

Disponível em: <https://www.theguardian.com/world/2020/jun/06/bruno-latour-coronavirus-gaia-hypothesis-climate-crisis>.

**ZAKARIA**, Fareed (2020). *Dez Lições Para um Mundo Pós-Pandemia*. Traduzido por Inês Fraga e Sara Lutas. Lisboa: Gradiva Publicações.

**ZIZEK**, Slavoj (2017). *A Coragem do Desespero – Crónicas de um ano em que vivemos perigosamente*. Traduzido por Miguel Serras Pereira e Maria Teresa Sá. Lisboa: Relógio D’Água.

\_\_\_\_\_ (2020). *A Pandemia que Abalou o Mundo*. Traduzido por João Moita. Lisboa: Relógio D’Água.

\_\_\_\_\_ (2016). *A Europa à Deriva – A verdade sobre a Crise dos Refugiados e o Terrorismo*. Traduzido por Jorge Pereirinha Pires. Lisboa: Objetivo.



